

A estrutura das construções de reestruturação em português

Ana Madeira

Universidade Nova de Lisboa

1. Introdução

As construções de reestruturação nas línguas românicas e germânicas têm sido extensivamente investigadas na literatura generativista desde os anos setenta. Estas construções caracterizam-se por efeitos de transparência, que se traduzem na possibilidade de ocorrência de um conjunto de fenómenos que estão tipicamente limitados ao domínio oracional, como é o caso de subida do clítico (cf. (1)), movimento longo do objecto em construções de *se* passivo (cf. (2)) e mudança do auxiliar (ver o exemplo do italiano em (3)), nas línguas românicas, e *scrambling* do objecto da infinitiva e “passiva longa”, nas línguas germânicas (ver os exemplos do alemão em (4) e (5), respectivamente).

- (1) a. O João não quis contar-me nada (sem subida de clítico)
b. O João não me quis contar nada (com subida de clítico)

(2) Vão-se começar já a construir as novas casas

- (3) a. Mario ha / *è voluto un costoso regalo di Natale
*Mario tem / *é querido um caro presente de Natal*
“O Mário quis um presente de Natal caro”
b. Mario *ha / è tornato a casa
*Mario *tem / é voltado a casa*
“O Mário voltou para casa”
c. Mario ha / è voluto tornare a casa
Mario tem / é querido voltar a casa
“O Mário quis voltar para casa”

(Rizzi, 1982)

- (4) *dass Hans den Traktor versucht hat zu reparieren*
que Hans o tractor tentado tem INF reparar
 “que Hans tentou reparar o tractor”
 (Wurmbrand, 2001)
- (5) *dass der Traktor und der Lastwagen zu reparieren versucht wurden*
que o tractor e o camião INF reparar tentado foram
 “que tentaram reparar o tractor e o camião”
 (Wurmbrand, 2001)

As análises propostas na literatura para este fenómeno dividem-se em três grandes grupos, conforme o tipo de complemento que assumem para o verbo de reestruturação (VR):

- (i) o VR selecciona uma oração plena (CP), sendo os efeitos de reestruturação derivados por determinados mecanismos (por exemplo, movimento de núcleo nas análises de Kayne (1989) e Roberts (1997));
- (ii) o VR selecciona uma oração reduzida, geralmente analisada como um TP (por exemplo, Gonçalves, 1999; Martins, 2000);
- (iii) o domínio infinitivo corresponde a um VP (por exemplo, Cinque, 2001; Wurmbrand, 2001).

Ao contrário do que é proposto para o português por Gonçalves (1999) e Martins (2000), propomos, na linha de Wurmbrand 2001, que as infinitivas de reestruturação correspondem a domínios lexicais temáticos, aos quais não estão associadas projecções funcionais. Uma análise deste tipo permite derivar quer os efeitos de transparência descritos acima, quer as outras propriedades características desta construção mencionadas abaixo.

2. A estrutura funcional das infinitivas em contextos de reestruturação

Adoptando a perspectiva de Thráinsson (1996) e Costa & Gonçalves (1999), entre outros, consideramos que, na ausência de evidência empírica para a projecção de categorias funcionais, é mais económico assumir que estas não projectam.

A estrutura frásica assumida neste trabalho é a proposta em Chomsky (1995) e subsequentes obras, ou seja, sem recurso a projecções de Agr. Nas secções seguintes, a subida do clítico é utilizada como diagnóstico de reestruturação.

2.1. Evidência contra CP

São bem conhecidos os argumentos contra a existência de CP nos complementos infinitivos de VRs.

A construção de reestruturação é incompatível com os seguintes contextos:

- (i) quando o verbo selecciona um complemento introduzido por um complementador, quer se trate de um complemento finito (cf. (6)) ou infinitivo (cf. (7)) e os exemplos do holandês em (8));
- (6) a. Eu não quero que tu lhe contes
b. *Eu não lhe quero que tu contes
- (7) a. Eu não sei se lhe contar
b. *Eu não lhe sei se contar
- (8) a. dat Jan probeerde [(om) zijn broer die brief te schrijven]
que Jan tentou COMP seu irmão a carta escrever
"que Jan tentou escrever a carta ao irmão"
b. dat Jan [die brief]_i probeerde [(**om*) zijn broer t_i te schrijven]
que Jan a carta tentou COMP seu irmão escrever
(Wurmbrand, 1998)
- (ii) quando o verbo selecciona uma infinitiva interrogativa (cf. (9));
- (9) a. ?Não lhe saberia o que dizer
b. *Não lhe saberia onde dar o presente
- (iii) na presença de tópicos marcados (cf. (10)), os quais, seguindo Rizzi (1997), estão associados à periferia esquerda da frase, cuja activação está dependente da projecção de C (ver a análise em Costa & Gonçalves (1999) para a impossibilidade de ocorrência de tópicos marcados em orações infinitivas flexionadas).
- (10) a. Eu quero, o livro, dar-lhe no dia dos seus anos
b. *Eu quero-lhe, o livro, dar no dia dos seus anos

Os factos descritos em (i), (ii) e (iii) parecem apontar claramente para a conclusão de que, em contextos de reestruturação, a categoria funcional C não projecta.

2.2. Evidência contra TP/IP

Outra categoria funcional para a qual parece não haver evidência nestes contextos é T/I. Vejam-se as seguintes propriedades:

- (i) impossibilidade de ocorrência de infinitivos flexionados (cf. (11)); se os traços de concordância são legitimados numa configuração Spec-núcleo, envolvendo uma projecção funcional de tipo I, este facto parece indicar que esta projecção não está presente em estruturas de reestruturação;

- (11) a. Penso terem-lhe (os rapazes) já contado
 b. *Penso-lhe terem (os rapazes) contado
- (ii) subida do clítico: não há nenhum núcleo funcional de tipo I (assumindo com Kayne (1991) que é a este tipo de categoria funcional que os clíticos se adjungem nas línguas românicas) ao qual o clítico se possa associar no domínio do verbo infinitivo;
- (iii) impossibilidade de ocorrência de negação frásica no domínio infinitivo (cf. (12)), o que indica que NegP, cuja ocorrência está dependente da presença de T na frase (ver, por exemplo, Zanuttini (1991)), não é projectado;
- (12) a. Não o quero fazer
 b. *Quero-o não fazer
- (iv) impossibilidade de ocorrência de tempos compostos no domínio infinitivo (cf. (13)): pode ser explicada pela não projecção de T, se assumirmos que é essa a posição ocupada pelo auxiliar perfectivo;
- (13) *Eu não quis ter perdido o campeonato
- (v) dependência temporal estabelecida entre o domínio do infinitivo e o domínio do VR, que tem como consequência a impossibilidade de ocorrência de marcadores temporais com valores contraditórios nos dois domínios (compare-se o diferente comportamento de um verbo que não permite reestruturação, como é o caso de *resolver* (cf. (15a)), com o de um VR como *querer* (cf. (15b)).
- (14) a. O João resolveu ir ao cinema ontem
 b. O João quis ir ao cinema ontem
- (15) a. O João (ontem) resolveu ir ao cinema amanhã
 b. *O João (ontem) quis ir ao cinema amanhã

Podemos, pois, concluir destes factos que não há evidência para a projecção de TP/IP no domínio do verbo infinitivo em contextos de reestruturação.

3. Evidência para existência de vP no domínio infinitivo

3.1. O estatuto dos verbos de reestruturação: lexical vs. funcional

Antes de considerarmos o caso do português, vejamos que análises têm sido propostas para outras línguas, nomeadamente o alemão e o italiano. A discussão será limitada aos verbos de controlo que admitem reestruturação.

3.1.1. O caso do alemão

De acordo com a proposta de Wurmbrand (1998, 2001, 2003), em alemão, os verbos de controlo que permitem reestruturação são verbos lexicais que seleccionam um VP (ver a estrutura em (16)).

(16) ... [_{TP} [_{vP} SUJ v [_{vP} VR [_{vP} VI ...

Tal significa que os verbos de reestruturação estão associados a uma estrutura temática – seleccionam argumento(s) interno(s) (exemplos de verbos de controlo de objecto indirecto que podem ocorrer em construções de reestruturação incluem *empfehlen* “recomendar”, *erlauben* “permitir” e *verbieten* “proibir”), assim como um argumento externo.

As seguintes propriedades são apontadas como evidência para a realização do argumento externo do VR:

- (i) os VRs podem passivizar (“passiva longa”) (cf. o exemplo (5), repetido abaixo);

(17) *dass der Traktor und der Lastwagen zu reparieren versucht wurden*
que o tractor e o camião INF reparar tentado foram
 “que tentaram reparar o tractor e o camião”
 (Wurmbrand, 2001)

- (ii) ao contrário dos verbos de elevação, não podem ocorrer com sujeitos não referenciais nem com sujeitos inanimados (cf. (18)).

(18) a. **Es versuchte zu schneien*
EXPL tentou INF nevar
 “Tentou nevar”
 b. **Der Kuchen versuchte gegessen zu werden*
o bolo tentou comido INF ser
 “O bolo tentou ser comido”

(Wurmbrand, 2003)

Wurmbrand defende que, nestas construções, o argumento externo do infinitivo não é realizado sintacticamente – estamos perante um caso de controlo semântico. Quanto ao seu argumento interno, este é forçado a subir para vP do domínio matriz para verificação de traços de Caso.

3.1.2. O caso do italiano

Cinque (2001) defende que, em italiano, todos os verbos que admitem reestruturação são verbos funcionais, directamente inseridos nos núcleos da hierarquia funcional proposta em Cinque (1999). Veja-se a estrutura em (19):

(19) ... [_{TP} [_t VR] [_{vP} SUJ v [_{vP} VI ...

O estatuto funcional dos VRs permite explicar as restrições de ordem a que estes verbos estão sujeitos. Cf. os exemplos em (20):

- (20) a. *Lo tenderebbe a voler fare sempre lui*
o tenderia a querer fazer sempre ele
 “Ele tenderia a querer fazê-lo sempre (ele próprio)”
 b. **Lo vorrebbe tendere a fare sempre lui*
o vorrebbe tender a fazer sempre ele
 “Ele quereria tender a fazê-lo sempre (ele próprio)”
 (Cinque, 2001)

Sendo verbos funcionais, os VRs não possuem uma estrutura temática. O domínio lexical temático da frase encontra-se associado ao verbo infinitivo, que constitui o predicado principal da frase. Isto explica que os VRs não seleccionem argumentos internos – verbos de controlo de objecto não permitem reestruturação em italiano – e obriga a assumir que também não seleccionam um argumento externo.

Entre a evidência apresentada para a não existência de um argumento externo associado ao VR estão incluídos os seguintes factos:

- (i) a possibilidade de *ne*-cliticização está dependente do predicado infinitivo, podendo ocorrer apenas se o infinitivo for inacusativo (cf. (21)); este facto demonstra que o que é aparentemente extracção do sujeito invertido do VR corresponde, de facto, à extracção do objecto do infinitivo (uma vez que extracção do clítico *ne* só é possível da posição de objecto (Burzio 1986));
- (21) a. *Ne osarono rimanere solo due*
deles ousaram ficar só dois
 “Só dois deles ousaram ficar”
 b. **Non ne osò piangere nessuno*
não deles ousou chorar nenhum
 “Nenhum deles ousou chorar”
 (Cinque, 2001)
- (ii) a construção com *si* passivo está dependente do tipo de predicado realizado no domínio infinitivo, só sendo possível se o verbo infinitivo seleccionar um argumento externo; isto parece indicar que o *si* passivo está associado ao infinitivo, e não ao VR, correspondendo os exemplos em (22) a casos de subida de clítico.
- (22) a. (?) *Non sembra esserglisi voluto dare sufficiente credito*
não parece ser-lhe-se querido dar suficiente crédito
 «Não parece ter-se-lhe querido dar suficiente crédito»

- b. * Non sembra esserglisi voluto/i venire in aiuto
não parece ser-lhe-se querido vir em auxílio
 «Não parece terem querido vir em seu auxílio»
 (Cinque, 2001)

Um potencial problema que se coloca a este tipo de análise está ilustrado em (23): ao contrário de outros verbos que não seleccionam um argumento externo, estes verbos impõem restrições de selecção ao sujeito.

- (23) *La casa gli voleva appartenere
a casa lhe queria pertencer
 “A casa queria-lhe pertencer”
 (Cinque, 2001)

3.1.3. O caso do português

Em português, os verbos de controlo em contextos de reestruturação não passivizam (cf. (24)). Contudo, permitem aparentemente construções de *se* passivo (cf. (25)).

- (24) a. *Foi querido resolver todos os problemas
 b. Foi decidido resolver todos os problemas

(25) Querem-se resolver todos os problemas

Os infinitivos transitivos, por seu lado, podem passivizar, mas aparentemente não permitem *se* passivo (cf. (26)).

- (26) a. Os novos alunos querem ser apresentados ao professor
 b. *Os novos alunos querem apresentar-se ao professor (ok com leitura reflexiva)

Estas propriedades, aparentemente paradoxais, são facilmente conciliadas se tomarmos em consideração os seguintes factos:

- (i) em construções de reestruturação, sempre que ocorra mais do que um clítico no domínio infinitivo, é obrigatória a subida de todos os clíticos (cf. (27));

- (27) a. Queriam-se-lhe apresentar os novos candidatos
 b. *Queriam-se apresentar-lhe os novos candidatos
 (Gonçalves, 1999)

- (ii) em italiano, Movimento Longo do Objecto em construções de *si* passivo força mudança do auxiliar associado ao infinitivo (cf. (28)).

- (28) a. Questi libri gli si vorrebbero esser già dati
estes livros lhe se queriam ser já dados
 “Queriam-se-lhe ter já dado estes livros”
 b. *Questi libri gli si vorrebbero aver già dato
estes livros lhe se queriam ter já dado
 (Cinque, 2001)

Uma vez que Movimento Longo do Objecto só é possível em construções de reestruturação, podemos assumir, seguindo Cinque (2001) (ver secção 3.1.2.), que os verbos de controlo que ocorrem nestas construções não permitem *se* passivo. Assim sendo, o exemplo (25) corresponde a um caso de subida de clítico, e a agramaticalidade de (26b) pode ser atribuída à não subida do clítico numa estrutura de reestruturação. Por conseguinte, os factos acima descritos parecem constituir evidência para a posição que defende que estes verbos não seleccionam um argumento externo.

3.2. As propriedades temáticas dos verbos de reestruturação

Gostaria de sugerir que, ao contrário do que é proposto em Cinque (2001), é possível explicar estas propriedades dos verbos de controlo em construções de reestruturação sem assumir que estes verbos correspondem a elementos funcionais. A seguinte hipótese parece ser igualmente compatível com os factos acima descritos:

- (a) em contextos em que não ocorre reestruturação, verbos do tipo de *querer* são verdadeiros verbos de controlo, seleccionando um argumento externo e um argumento interno;
 (b) em contextos de reestruturação, verbos do tipo de *querer* têm propriedades de verbos de elevação: seleccionam um argumento interno (o complemento infinitivo), mas não seleccionam um argumento externo - o seu sujeito é argumento do verbo infinitivo.

A estrutura proposta para as construções de reestruturação é, pois, a estrutura representada em (29):

- (29) ... [_{TP} T [_{VP} VR [_{VP} SUJ v [_{VP} VI]

Considerar que os verbos de controlo que permitem reestruturação são verbos lexicais permite explicar o facto de que nem todos estes verbos estão sujeitos a restrições de ordem tão estritas como Cinque (2001) assume. Tal como é observado para o alemão em Wurmbrand (2003), também em português a ordem de alguns destes verbos pode variar livremente. Veja-se o exemplo em (30) (ambas as frases são gramaticais, embora (30a) possa parecer pragmaticamente mais natural que (30b)):

- (30) a. O João tentou conseguir acabar o trabalho a horas
 b. O João conseguiu tentar acabar o trabalho a horas

É uma consequência natural desta análise o facto de os verbos de controlo de objecto não permitirem reestruturação (cf. (31)). Se os verbos de controlo que ocorrem nesta construção têm propriedades de verbos de elevação, não legitimam Caso Acusativo.

- (31) a. O Pedro obrigou o filho a contar-me tudo
b. *O Pedro obrigou-me o filho a contar tudo

O problema que se coloca a este tipo de análise é que, tal como em alemão e em italiano, estes verbos nunca podem ocorrer com sujeitos não referenciais (cf. (32)), nem com sujeitos inanimados (cf. (33)), em contraste com verbos de elevação típicos.

- (32) a. Pode chover
b. *Quis chover

- (33) a. O bolo pode ser comido
b. *O bolo quer ser comido

Cinque (2001), na linha de Zubizarreta (1982), propõe assumir que “as propriedades de selecção destes predicados são consequência das suas propriedades semânticas”. Estes predicados teriam, pois, de ser tratados a par dos advérbios volitivos ou dos advérbios de modo que requerem a presença de um argumento agentivo na frase (cf. (34) e (35)).

- (34) *The house willingly belonged to Bill
(Cinque, 2001)

- (35) a. O João parou o carro voluntariamente / cuidadosamente
b. *O carro parou voluntariamente / cuidadosamente

Esta é uma questão que necessita de ser investigada, mas que será deixada para trabalho futuro.

4. Conclusão

Propôs-se que os verbos de controlo que ocorrem em construções de reestruturação são verbos inacusativos, que seleccionam um complemento estruturalmente defectivo, realizado como um vP (ou VP, se o infinitivo for também ele inacusativo). Procurou-se mostrar que esta análise permite derivar quer os efeitos de transparência quer outras propriedades características desta construção.

Referências

- Burzio, L. (1986) *Italian syntax*. Dordrecht: Reidel.
- Chomsky, N. (1995) *The Minimalist program*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press.
- Cinque, G. (2001) 'Restructuring' and functional structure. *Venice Working Papers in Linguistics* 11, pp. 45-127.
- Cinque, G. (1999) *Adverbs and functional heads: A crosslinguistic perspective*. New York: Oxford University Press.
- Costa, J. & A. Gonçalves (1999) Minimal projections: Evidence from defective constructions in European Portuguese. *Catalan Working Papers in Linguistics* 7, pp. 59-69.
- Gonçalves, A. (2002) Verbos auxiliares e verbos de reestruturação do português europeu. In Duarte, Isabel et al. (eds.) *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 Anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto*, vol 1. Centro de Linguística da Universidade do Porto, pp. 45-57.
- Gonçalves, A. (1999) *Predicados complexos verbais em contextos de infinitivo não preposicionado do português europeu*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Kayne, R. (1991) Romance clitics, verb movement and PRO. *Linguistic Inquiry* 22.4, pp. 647-686.
- Kayne, R. (1989) Null subjects and clitic climbing. In Jaeggli, O. & K. Safir (eds.) *The null subject parameter*. Dordrecht: Reidel, pp. 239-261.
- Martins, A.M. (2000) A Minimalist approach to clitic climbing. In Costa, J. (ed.) *Portuguese syntax: New comparative studies*. New York: Oxford University Press, pp. 169-190.
- Rizzi, L. (1997) The fine structure of the left periphery. In Haegeman, L. (ed.) *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer.
- Rizzi, L. (1982) A restructuring rule. In *Issues in Italian syntax*. Dordrecht: Foris.
- Roberts, I. (1997) Restructuring, head movement, and locality. *Linguistic Inquiry* 28, pp. 423-460.
- Terzi, A. (1996) Clitic climbing from finite clauses and tense raising. *Probus* 8, pp. 273-295.
- Thráinsson, H. (1996) On the (non-)universality of functional categories. In Abraham, W. et al. (eds.) *Minimal ideas: Syntactic studies in the Minimalist framework*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins pp. 253-281.
- Wurmbrand, S. (2003) Lexical vs functional restructuring. In Bottari, P. (ed.) *Proceedings of the 28th Incontro di grammatica generativa*. Lecce: Congedo Editore.
- Wurmbrand, S. (2001) *Infinitives: Restructuring and clause structure*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Wurmbrand, S. (1998) Restructuring control. *U. Penn Working Papers in Linguistics* 5.1., pp. 175-188.
- Zanuttini, R. (1991) *Syntactic properties of sentential negation: A comparative study of Romance languages*. Dissertação de doutoramento, University of Pennsylvania.
- Zubizarreta, M.L. (1982) *On the relationship of the lexicon to syntax*. Dissertação de doutoramento, MIT.